

OS ROEDORES DA ESPERANÇA: UMA LEITURA DE *OS RATOS*, DE DIONÉLIO MACHADO

Valdemar Valente Junior¹

RESUMO

Este texto tem por objetivo detectar elementos consignados no romance *Os ratos*, de Dionélio Machado. Em vista de um recorte de tempo que configura uma tomada de consciência acerca da condição de atraso do país, a narrativa incorpora o significado da pobreza nos centros urbanos em processo de expansão. No exemplo de *Os ratos*, a observação recai sobre Porto Alegre, enfocando em Naziazeno Barbosa, a figura do pequeno funcionário oprimido por um cotidiano que o faz recorrer a sucessivos expedientes para manter um nível mínimo de dignidade de sua família.

Palavras-chave: Crise social. Narrativa. Geração de 1930. Pobreza.

Introdução

A publicação de *Os ratos* (1935), de Dionélio Machado, põe em evidência o descompasso inerente à situação de penúria a que se vê condenada a classe trabalhadora em um país periférico que vive o auge de uma crise econômica que se amplia para o âmbito político determinando uma série de conflitos. Diante disso, percebe-se de que modo um humilde funcionário público não consegue o numerário suficiente à supressão de necessidade básicas, decorrendo disso a crítica que se incorpora a esse romance como termo que o integra. Por esse meio, a tomada de posição do que se configura como sendo a segunda geração modernista, além do recorte de um olhar específico acerca da questão social do Nordeste, na obra de Raquel de Queiroz, Graciliano Ramos e José Lins do Rego, estende seu raio de observação para elementos inerentes à população pobre dos centros urbanos que nesse momento experimentam um surto de expansão decorrente da revolução burguesa em curso no país. Nesse contexto, insere-se *Os ratos* como exemplo de obra narrativa que reitera os elementos de uma crise que se

¹ Professor Assistente da Universidade Castelo Branco. Campus Realengo. Doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ. E-mail: valdemar.valente@hotmail.com.

aprofunda como sinal evidente do descompasso decorrente de inserção em um país dependente de um modelo de consumo que contraria a condição de penúria das classes populares.

A mudança decorrente de Revolução Outubro traz para o âmbito dos centros urbanos em expansão a responsabilidade da ampliação do mercado interno como elemento que agencia outros mecanismos, o que difere da política exportadora como base da economia. Nesse sentido, a pequena classe média urbana embarca em um projeto que não lhe contempla em nada além do que se restrinja à sobrevivência em níveis essenciais. Essa aparente absorção da classe trabalhadora não leva em conta nada que exceda a base de um consumo previamente estabelecido como limite a que os pobres têm que se sujeitar como contrapartida à exclusão absoluta. A classe trabalhadora, historicamente condenada à penúria de políticas que ainda remetem à escravidão, encontra nas reformas de cunho trabalhista um ânimo capaz de fazê-la contentar-se com um nível de abertura que deixa de fora da discussão a observação acerca de um regime político totalitário que a exclui de qualquer possibilidade de participação em relação às questões que lhe digam respeito.

A observação acerca do que o sistema representa não encontra arrimo na atividade de uma série de escritores que, cada qual a seu modo, trazem para o centro do debate a possibilidade de aprofundamento de temas de ordem social que até então permanecem na superfície das abordagens. A exemplo do que se configura no espaço de atuação da narrativa ambientada no campo, diante dos rigores da seca e da exploração agrária, apresenta-se o outro dado desse problema, em vista de um recorte que diz respeito ao trabalhador urbano vitimado por políticas de arrocho salarial que lhe estorvam as ambições, fazendo-o sobreviver na linha limítrofe da exclusão. Nesse sentido, o exemplo de *Os ratos* concorre para que se desvele a falácia de um projeto que atende parcialmente os desníveis de consumo da classe trabalhadora, contemplando o interesse da classe dominante que dele obtém elevados dividendos. O esboço do que possa remeter à luta de classes em um território marcado por divisões extremas, não concorre para a resolução da questão social.

Assim, a narrativa como termo que toca as questões sociais foge à tentativa oficial de camuflar os efeitos da crise mundial a que o país se vê obrigado pagar parte dessa fatura. Isso concorre para que o exemplo de *Os ratos* defina uma posição específica, a partir de uma linha de combate ao sistema que se confirma na escrita. Nesse sentido, Dionélio Machado situa-se do outro lado do que o sistema propugna em

sua plataforma, na medida em que seu romance concorre para desestabilizar a ideia de um possível favorecimento de um proletariado em situação extremamente vulnerável. Decorre disso o fato de *Os ratos* efetivar-se como discurso que se coloca do lado oposto ao que propugna a posição oficial, no sentido de confirmar em sua ação paliativa seu caráter redentor. O messianismo de um Estado a serviço do povo é submetido a um processo de desconstrução no âmbito da narrativa, uma vez que em *Os ratos* as perdas sociais mostram-se evidentes, apenas sustando o colapso que atinge aos mais pobres, sem com isso lhe conferir a possibilidade real de superação de sua situação de classe.

Por esse meio, *Os ratos* assume a diretiva de um discurso que assume uma posição crítica que não tem como deixar de ocupar um determinado lugar, expandindo-se em direção à criação literária como possibilidade de argumentação contrária ao sistema. Nesse sentido, Dionélio Machado coloca-se ao lado dos escritores de sua geração, uma vez que sua obra confirma uma posição de desvelamento da realidade social como tema de valor essencial. Há que se refletir acerca do fato de que a geração de 1930 encontra no romance uma extensão do que não se concretizou na década anterior, nos termos de um processo de criação que justifica o lugar a ser ocupado pelo homem brasileiro diante das formas inerentes ao trabalho. Isso decorre do fato de não ser possível vencer etapas ainda não cumpridas, uma vez que a crise que enseja a revolução burguesa determina outros caminhos à ordem econômica e social. Isso concorre para que as conquistas de caráter estético da primeira fase modernista se confirmem na necessidade de revelação do país diante de uma estrutura de pensamento crítico que busca superar as mazelas da sociedade brasileira no contexto do mundo em colapso.

As transformações que se impõem colocam a narrativa como porta-voz do dilema brasileiro, encontrando em *Os ratos* a descrição de um drama pessoal que se amplia na dimensão do drama coletivo, uma vez que ao funcionário público emparedado ao limite de suas necessidades corresponde à exclusão do proletariado sem acesso às promessas do capitalismo e da promoção. A ampliação do acesso aos bens disponíveis à classe média não possui referência nas expectativas do proletariado condenado ao trabalho que lhe minimizam a penúria, em condições precárias, ante a sobrevivência de seu grupo familiar. Por esse meio, *Os ratos* coloca em questão o descompasso do populismo como propaganda que não dá conta de seu projeto, uma vez que a isso se opõe a realidade da classe trabalhadora, em vista de um conflito cuja extensão não pode ser medida, sob a hipótese de se constatar a dimensão do que isso

corresponde. Assim, o preço da crise é debitado aos mais pobres, uma vez que a estes não correspondem as condições de reação ao sistema em sua representação de poder.

O estatuto da escassez

O enredo de *Os ratos* tem início na relação conflituosa entre Naziazeno Barbosa e o leiteiro que o ameaça de cortar o fornecimento, por conta de uma dívida de cinquenta e quatro mil réis, obrigando-o à quitação no prazo de vinte e quatro horas. O leite que alimenta o filho pequeno enseja a odisséia do funcionário público que se mobiliza no sentido de ter reestabelecido o fornecimento desse produto essencial. Assim, o resumo apresentado serve como termo que agrava uma situação comum a parte significativa da população pobre confinada aos centros urbanos. Isso ocorre sem que lhe sejam oferecidas melhores condições, em face das promessas que lhe fazem acreditar no sentido igualitário do que possa concorrer como elemento de supressão de suas demandas básicas de consumo. Nesse contexto, acrescenta-se a observação de Alfredo Bosi: “Dionélio Machado fez em *Os Ratos* uma reconstrução miúda e obsedante da vida da pequena classe média ralada pelas agruras do cotidiano”. (1994, p. 419). No entanto, verifica-se um movimento de sentido contrário, uma vez que o fornecimento do leite como condição mínima faz com que Naziazeno Barbosa empreenda uma aventura que lhe desestabiliza a relação funcional, em nome de uma ordem de coisas que não se apresenta como prioridade, no que diz respeito à relação entre o capital e o trabalho. Esse desequilíbrio da ordem produtiva o faz recorrer a expedientes que visam quitar seu débito e suprir uma necessidade.

A escassez decorrente da hecatombe financeira na bolsa norte-americana atinge em cheio as exportações brasileiras, o que resulta na tomada de consciência acerca do colapso que tem na literatura um meio eficaz de mimetizar os efeitos dessa situação. Desse modo, *Os ratos* reafirma a dimensão de uma argumentação que se serve do conflito comezinho para potencializar a amplitude de um problema bem mais abrangente. A situação envolvendo a pobreza de setores do proletariado sacrificados em nome de uma ordem que lhe cobra os juros da crise faz com que se instaure um primado de percepção a partir do olhar atento de escritores que aprofundam a observação crítica que tem origem no romance social. Isso serve para ampliar sua capacidade de questionamento para o âmbito da cidade, em vista das camadas excluídas, ainda que sobre elas interfira um outro ordenamento, no que se refere à relação com o trabalho. Por esse meio, fica evidente a distinção com relação à produção do período anterior, do

ponto de vista de uma narrativa que não se atém à especificidade das questões que envolvem o proletariado.

Diante disso, há que se perceber de que modo a crise econômica corresponde um esforço que se contrapõe a sua representação, uma vez que o depauperamento social agrava o debate que encontra na narrativa um lugar de destaque. As evidências desse momento expandem-se, reiterando em *Os ratos* a falta de expectativas que induz Naziazeno Barbosa a expedientes que o desviam do que deveria representar sua condição de funcionário público. Em vista do que esse tema suscita, Davi Arrigucci Jr. nos acrescenta: “E a todo instante sente-se pressionado a esgueirar-se como um rato. Aí se entende que sua busca é também uma tentativa desesperada de evasão: perseguidor forçado, na verdade é um grande perseguido”. (2004, p. 205). Esse descompasso referenda a condição de um país que não tem como responder às solicitações do capital em sua dimensão mais plena, uma vez que sua situação periférica no contexto mundial remete a um *status quo* refratário à condição que pleiteia. A posição brasileira no cenário internacional não corresponde em realidade ao que representa o atraso secular e a fragilidade institucional como termo capaz de cindir o país, concorrendo para o desequilíbrio de diferentes termos.

A crítica que se verifica em *Os ratos* evidencia uma situação que não possui condições de ser revertida, em face da crise que atinge os países mais vulneráveis. A relação com a ordem capitalista que se funda em situações inusitadas à realidade brasileira não tem como superar o descompasso que condena o país, que a despeito de sua condição de produtor de matérias primas, ocupa um lugar irrelevante nas decisões que se impõem como instâncias de poder no contexto mundial. Diante disso, as expectativas sociais a serem atendidas apenas atenuam as tensões que lhes são frequentes, atuando como termo que se apresenta de forma compensatória. Assim, as referências de Dionélio Machado para carregar as tintas nas imagens do conflito social em *Os ratos* servem-se do roedor asqueroso como sinal do extermínio de esperanças que não contemplam o conjunto da sociedade.

Por conta disso, a narrativa de Dionélio Machado situa-se no cerne de um programa que se apresenta sem solução, uma vez que a dimensão do que representa não acena com nenhuma perspectiva de alteração do quadro social. A distância que separa Naziazeno Barbosa dos cinquenta e quatro mil-réis que deve ao leiteiro parece ser a mesma que o trabalhador percorre em direção a um lugar que não reconhece sua luta. Diante disso, cabe recorrer à análise de Luís Bueno: “Ao deslocar o foco da ação do

malandro para a mentalidade do marginalizado, *Os ratos* figurou de forma muito mais aguda o esmagamento do proletariado no capitalismo”. (2006, p.181). A diferença social, portanto, concorre para que a importância do leiteiro se amplie em seu valor, uma vez que isso corresponde à alimentação de uma criança, o filho de Naziazeno Barbosa, como eixo da narrativa, potencializando a exclusão que desestabiliza o que se apresenta na forma contrária do discurso oficial. Assim, *Os ratos* concorre como narrativa que atua de modo sequencial, diante das expectativas do tempo em que vem à luz, uma vez que a escassez que propugna reafirma seu teor social como referência.

A ausência de recursos de um tempo de crise assume a dimensão de uma narrativa que atinge seu ponto de tensão máxima na questão que se impõe à supressão do que se amplia ao mimetizar a realidade de parte da população brasileira. Esse impasse corresponde à ineficácia de um sistema pré-capitalista que sequer possui a dimensão de sua precariedade. Em Porto Alegre, a pobreza se equipara a um nível de exclusão que a diferencia tanto quanto a iguala à dimensão do isso representa no Nordeste. Por esse meio, Dionélio Machado coloca-se como articulador de um discurso que expõe à cena o retrato do conflito social, condenando Naziazeno Barbosa a figurar entres os párias, dentro de um sistema que o acolhe como funcionário público, mas o rejeita como cidadão. Diante disso, não há como ser relativizada a situação de quem concorre em condições de extrema desigualdade diante de um sistema que despreza suas pretensões mais legítimas.

O homem contra o tempo

A relação que se estabelece entre *Os ratos* e a corrida de Naziazeno Barbosa no resgate de sua condição de cidadão insere esse romance em uma categoria que o faz portador de sinais inerentes à modernidade de que toma parte. A isso acrescenta-se o elemento temporal que serve para balizar a relação da narrativa com as instâncias do cotidiano e a pressa decorrente da ordem capitalista. A essa questão acrescenta-se a participação do Estado, que não concorre para que se efetive um termo de transformação. Nesse sentido, recorreremos à observação de Antonio Candido: “Pode-se dizer que houve um processo de convergência, segundo o qual a consciência popular amadurecia, ao mesmo tempo que os intelectuais se iam tornando cientes dela”. (1976, p. 123). Assim, os efeitos da nova ordem econômica esbarram na precariedade do que não tem meios de fixar-se, uma vez que a precariedade das relações de trabalho corresponde à fragilidade das instituições. Por conta disso, o prazo que se impõe ao

pagamento de uma dívida que sintetiza a significação de *Os ratos*, no que se refere à relação entre o capital e os bens de consumo, denuncia uma relação deteriorada.

As formas do trabalho tornam-se o ponto central da narrativa, embora a isso não se possa contrapor qualquer ganho que garanta a Naziazeno Barbosa um espaço determinado pelo que a força de trabalho lhe possa conferir uma dignidade que não se faz representar. Nesse sentido, *Os ratos* tematiza um sistema que, a partir de seu eixo decisões, coloca em questão apenas a situação que atinge os mais pobres, sem que a isso se contraponham medidas significativas de alteração desse quadro. A humilhação de que Naziazeno Barbosa é vítima concorre para que a isso se imponha a necessidade correr contra o tempo como fator que delimita o valor da mercadoria a que se obriga a pagar para poder manter seu fornecimento no nível do que se faça possível para suprir sua carência. A demanda de consumo se faz impor como urgência ao cumprimento de suas promessas básicas, não havendo como se possa negligenciar no que concerne ao lucro. O relaxamento da dívida, mesmo em face de uma necessidade premente, não faz o menor sentido.

Por isso, *Os ratos* estabelece um ciclo que determina a urgência como termo integrante da ordem capitalista, a partir do que o dinheiro representa em sua circulação. Por essa via, cabe ao leiteiro a cobrança da quantia a que faz jus, em vista do que não pode esperar. Diante desse retrato do proletariado urbano, a situação descamba, o que concorre para que em *Os ratos* o pequeno funcionário público seja estigmatizado, em face da dificuldade em quitar uma dívida que representa uma insignificância. Assim, Maria Zenilda Grawunder observa: “Dyonélio opta pela escrita de textos que discutem temas e ideias mais angustiantes, como a lenta trajetória da conquista de igualdade e das modificações numa sociedade”. (1997, p. 118-119). A isso não se sobrepõe uma instância de superação, em vista do lugar que condena o proletariado, emparedado em seu limite extremo.

O leitor que se coloca diante da crise pode observar os lados referentes à classe trabalhadora sem maiores expectativas diante de como a situação social se apresenta. Em vista disso, a rapidez das ações do capitalismo não consegue dar conta de uma demanda necessária, mas que acaba por nada significar, em vista da cegueira que caracteriza o lucro em todas as suas esferas. O que se faz representar como retrato da política oficial passa ao largo do atendimento de situações que fogem à realidade da classe trabalhadora. Assim, há que se pensar a respeito de *Os ratos* como expressão da crise que atinge os que se encontram inseridos no sistema, a exemplo de Naziazeno

Barbosa, mesmo que a isso corresponda uma categoria funcional subalterna. Por sua vez, essa inclusão não se faz suficiente para que se cumpram as diretrizes mínimas do sistema, que acabam negligenciadas.

A relação entre patrões e empregados constitui-se em falácia para a qual não existem meios capazes de a isso se sobrepor. A preservação do lucro e a urgência do negócio que se ampara na produção mostram-se alienadas de qualquer espírito de colaboração que se baseie na solidariedade. O atendimento que se mostra premente, diante do alimento que sustem a vida de uma criança, aparece como tema desprovido de importância ante a frieza da relação comercial. Por conta disso, a observação de José Paulo Paes nos acrescenta: “Patético pequeno-burguês quase sempre alistado nas hostes do funcionalismo público mais mal pago, vive à beira do naufrágio econômico que ameaça atirá-lo a todo instante à porta da fábrica ou ao desamparo da sarjeta”. (1990, p. 71). Diante disso, mesmo em face de uma configuração que se explicita em sua precariedade, não há como se possa quebrar a corrente do que se faz representar como um círculo de continuidade ao funcionamento de uma máquina que a qualquer custo precisa ser alimentada, decorrendo disso a justificativa em torno da manutenção do sistema.

A caracterização de *Os ratos* como narrativa aprofunda a discussão em torno da crise mundial que afeta a economia brasileira. Por sua vez, o cumprimento do acordo entre Naziazeno Barbosa e o leiteiro não pode transigir, em face das injunções que a esse contexto se integram. Os desacordos que correspondem às condições de um país de economia dependente estabelecem um termo à falta de recursos como nota destoante diante de um concerto em harmonia com as bases que o fundamentam. Assim, a falta de recursos do funcionário oprimido pela pobreza concorre para que se tenha a noção exata de um sistema que não atua nos termos do que representaria sua condição de máquina devidamente lubrificada, em sua carga máxima de funcionamento. Nesse sentido, a aventura de Naziazeno Barbosa coaduna-se a um sistema apenas aparente, na medida em que a situação resultante da condição brasileira de dependência em relação às potências mundiais determina as regras do que deve ser seguido.

O retrato da crise

O sentido emblemático do que *Os ratos* representa como retrato do colapso que atinge a pequena classe média mostra-se a partir de sintomas que não têm como se apresentar por outro meio. Desse modo, os ratos com os quais Naziazeno Barbosa

sonha, a roerem o dinheiro, amarrado a um barbante, representam a destruição de desejos que se apresentam como instâncias de superação do que não tem como ser minimamente garantido. A essa observação acrescenta-se a abordagem precisa de Moisés Velhinho: “Para retratar com rigorosa propriedade o drama de seu pobre personagem, Dionélio Machado entendeu que era preciso recorrer a um estilo que fosse como o próprio destino de Naziazeno, incolor, abafadiço”. (1960, p. 73). Disso decorre o descompasso de que a narrativa se serve para determinar a marca de seu significado, contribuindo para a revisão crítica do que destoa do que na prática em nada corresponde aos anseios da classe trabalhadora no que tange à supressão de desejos que se constituem em instâncias mínimas, a exemplo da dívida que compromete a estabilidade inerente à ordem familiar, aviltada em sua condição essencial.

A redenção de um país com uma herança escravista esbarra na ineficácia de sindicatos tutelados pelo governo como retratos do apenas aparente. Diante disso, a configuração do que em *Os ratos* funciona como denúncia concorre para que a pobreza coincida com o fato que não há como dar conta de promessas com as quais o país não consegue arcar. A condição de um país marcado por forte exclusão e divisão de classes encontra em *Os ratos* a versão de Dionélio Machado, que recorre à escatologia representada pelo roedor abjeto como sinal do aniquilamento das esperanças depositadas no projeto oficial. Assim, as expectativas de Naziazeno Barbosa buscam apenas suprir uma demanda imediata, diante da qual se impõe a pressa de seu cumprimento. O valor representado pelo papel moeda corre o risco de vir a nada mais significar, em vista do sonho de Naziazeno Barbosa, na ocasião em que os ratos roerem as cédulas.

A dimensão crítica de *Os ratos* passa a representar a confirmação de uma crise que, no intervalo entre as duas guerras mundiais, penaliza o proletariado, agravando o abismo que o separa da classe dominante, ao inviabilizar suas possibilidades de ascensão. Nesse contexto, a *via crucis* de Naziazeno Barbosa coincide com o fracasso de um modelo que não atende às expectativas do trabalhador. A esse ponto, Regina Zilberman nos acrescenta: “É tal a exemplaridade que acentua o aspecto angustiante de seu percurso diário: pois, se todos os dias são como este, sua existência converte-se num interminável exercício voltado a tapar as lacunas criadas pela sua condição de um exilado da vida”. (1982, p. 76). Diante disso, as leis em favor da classe trabalhadora, no sentido de tentar protegê-la, apenas minimizariam a demanda de trabalho sem qualquer espécie de proteção. A mudança na legislação ainda sequer tivera efeito quando *Os*

ratos vem à luz do público e da crítica, do mesmo modo que as leis do trabalho apenas serviram para estancar o desamparo que condena os que concorrem com sua força de trabalho como base da economia. O tema que sobressai em *Os ratos* decorre de uma observação que se faz procedente como contraponto à ideologia dominante, uma vez que à produção narrativa corresponde um espaço específico, no que tange à identificação da classe trabalhadora como agente transformações na ordem do dia.

A essa condição corresponde o fosso social onde chafurda uma legião de deserdados em um país com elevados índices de analfabetismo que não promoveu qualquer reforma significativa. Isso diz respeito à manutenção do interesse político de oligarquias e grupos locais que se revezam em postos de comando como expressão de uma classe dirigente que pende o fiel da balança na direção de seus negócios. Assim, a Porto Alegre de Naziazeno Barbosa apresenta-se como o resultado de sucessivas políticas de caráter excludente, a partir de uma classe média que empurra para subpatamares os setores sem expressão que poderiam servir de estorvo às suas pretensões de elite econômica. Por conta do que a narrativa apresenta, a partir do microcosmo da cidade, o papel de mimetizar a situação dos pobres decorrente do colapso econômico faz de *Os ratos* um romance de época que estende na direção de um futuro.

A crise econômica como retrato da sociedade brasileira em um contexto extremamente problemático concorre para que *Os ratos* funcione como narrativa confronta o *status quo* de um sistema que busca inverter os termos do que fora o domínio das oligarquias rurais na Primeira República. Isso parece desfigurar a ideia de uma modernidade apoiada pela Revolução de Outubro, o que se ampara em uma forte política de favorecimento de outros grupos regionais. Essa mudança, no entanto, não deixa de considerar os avanços estéticos já efetivados no âmbito estético, como observa João Luiz Lafetá: “*Os ratos* logrou conservar e atualizar de maneira esteticamente eficaz as conquistas do nosso Modernismo literário deflagrado em 1922”. (2000, p.18). Na verdade, o poder muda de mãos, mas segue a prática de políticas quase idênticas às perpetradas pelos seus antecessores, alterando apenas o modo como essas medidas são agenciadas. Em vista disso, observa-se em *Os ratos* uma extensão do que representa a geração do romance social, assumindo um discurso que privilegia uma severa restrição às formas de exclusão. A condenação dos mais pobres a uma existência de submissão aos ditames da pobreza fundamenta o teor de uma narrativa que se serve das ferramentas necessárias à denúncia social.

O ponto crucial em *Os ratos* diz respeito à descaracterização do sentido edificante do sistema como representação dos anseios populares, na medida em que evidencia a desigualdade. Por esse meio, explicita uma situação que vitima os pobres, colocando ao seu dispor as sobras que sobejam aos poderosos, a partir das migalhas do que pode ser dividido com os roedores. Em vista disso, homens e ratos encontram-se em um mesmo plano, uma vez que a luta pela sobrevivência coloca a classe trabalhadora diante de uma busca desesperada, em seu esforço incomensurável. As vicissitudes diante das quais Naziazeno Barbosa se apresenta concorrem para que se tenha uma dimensão daquilo que a exclusão pode representar, a partir de uma narrativa única em seu estilo e dimensão crítica. A ambientação do romance nos escaninhos de uma Porto Alegre que omite sua condição de metrópole, faz com que isso represente o campo de força do que representa o espaço dos subalternos como espelho de uma crise que ocupa o lado sem luz do que se mostra sem remissão.

Referências

- ARRIGUCCI JR, Davi. O cerco dos ratos. In: _____. MACHADO, Dyonélio. *Os ratos*. São Paulo: Planeta, 2004, p. 92-104.
- BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo, Campinas: Edusp, Editora da Unicamp, 2006.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- GRAWUNDER, Maria Zenilda. *Instituição literária: análise da legitimação da obra de Dyonélio Machado*. Porto Alegre: IEL, EDIPUCRS 1997.
- LAFETÁ, João Luiz. *1930: a crítica e o Modernismo*. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- PAES, José Paes. *A aventura literária: ensaios sobre ficção e ficções*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- VELHINHO, Moisés. *Letras da província*. Porto Alegre: Globo, 1960.
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

THE RODENTS OF HOPE: A READING OF *OS RATOS*, BY DIONÉLIO MACHADO

ABSTRACT

This text aims to detect elements recorded in the novel *Os ratos*, by Dionélio Machado. In view of a time cut that constitutes an awareness of the country's backwardness, the narrative incorporates the meaning of poverty in expanding urban centers. In the example of *Os ratos*, the observation is about Porto Alegre, focusing on Naziazeno Barbosa the figure of the small employee oppressed by a daily routine that makes him resort to successive expedients to maintain a minimum level of dignity of his family.

Keywords: Social crisis. Narrative. Generation of 1930. Poverty.

Recebido em: 02/03/2019.

Aprovado em: 13/05/2019.